

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
ESCOLA DE BELAS ARTES
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS COM HABILITAÇÃO EM PINTURA


ANTÔNIO DE JESUS MALVEIRA

PINCEL E AGULHA:
A Minha Caminhada em Arte e a Alfaiataria

BELO HORIZONTE

2018

Antônio de Jesus Malveira



**PINCEL E AGULHA:
A Minha Caminhada em Arte e a Alfaiataria**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, a Escola de Belas Artes, ao curso de Artes Visuais com Habilitação em Pintura, como pré-requisito para obtenção de título de Graduação em Artes Visuais.

Prof. Orientador: Vlad Eugen Poenaru

Belo Horizonte

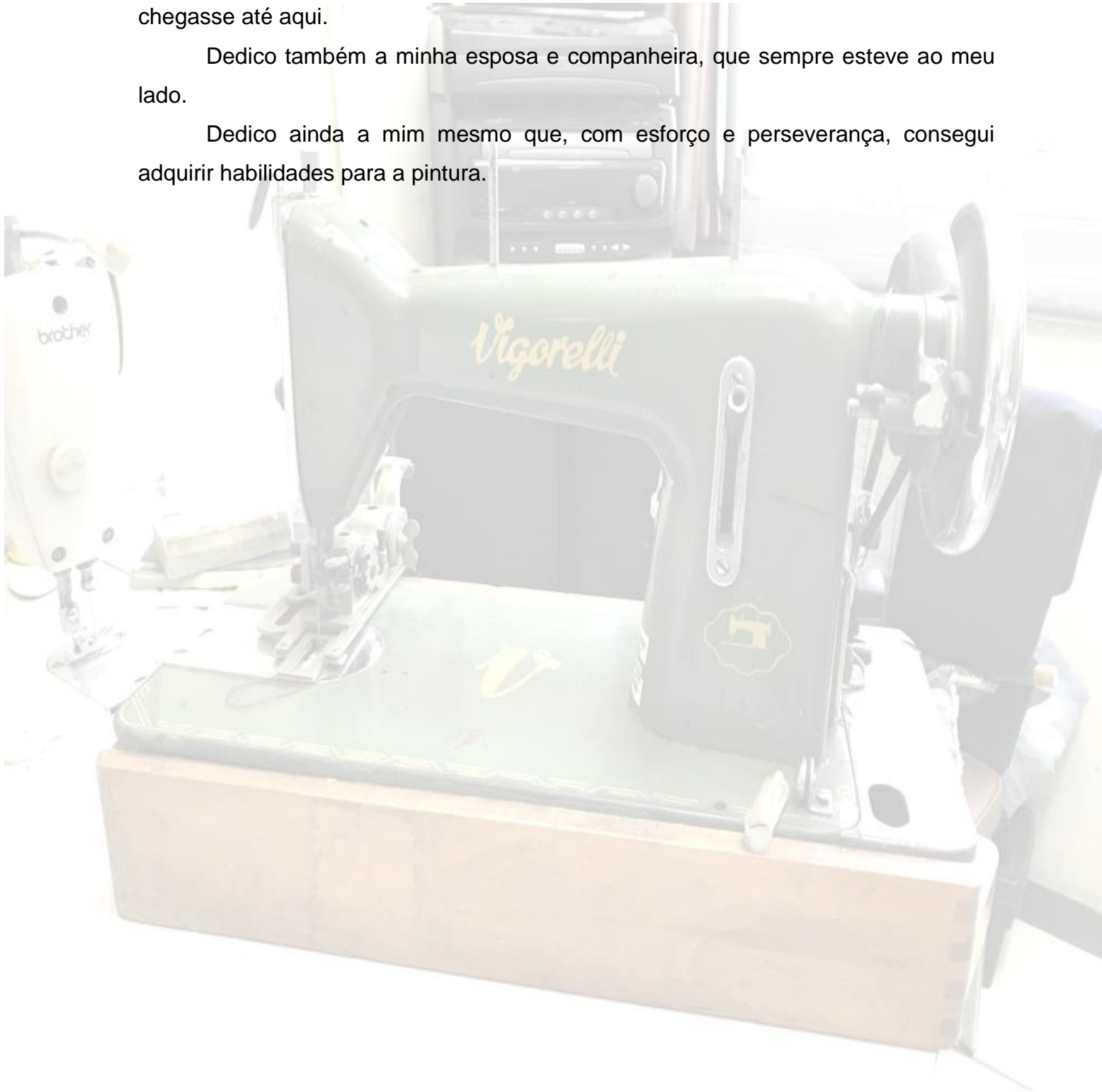
2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e a todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Dedico também a minha esposa e companheira, que sempre esteve ao meu lado.

Dedico ainda a mim mesmo que, com esforço e perseverança, consegui adquirir habilidades para a pintura.



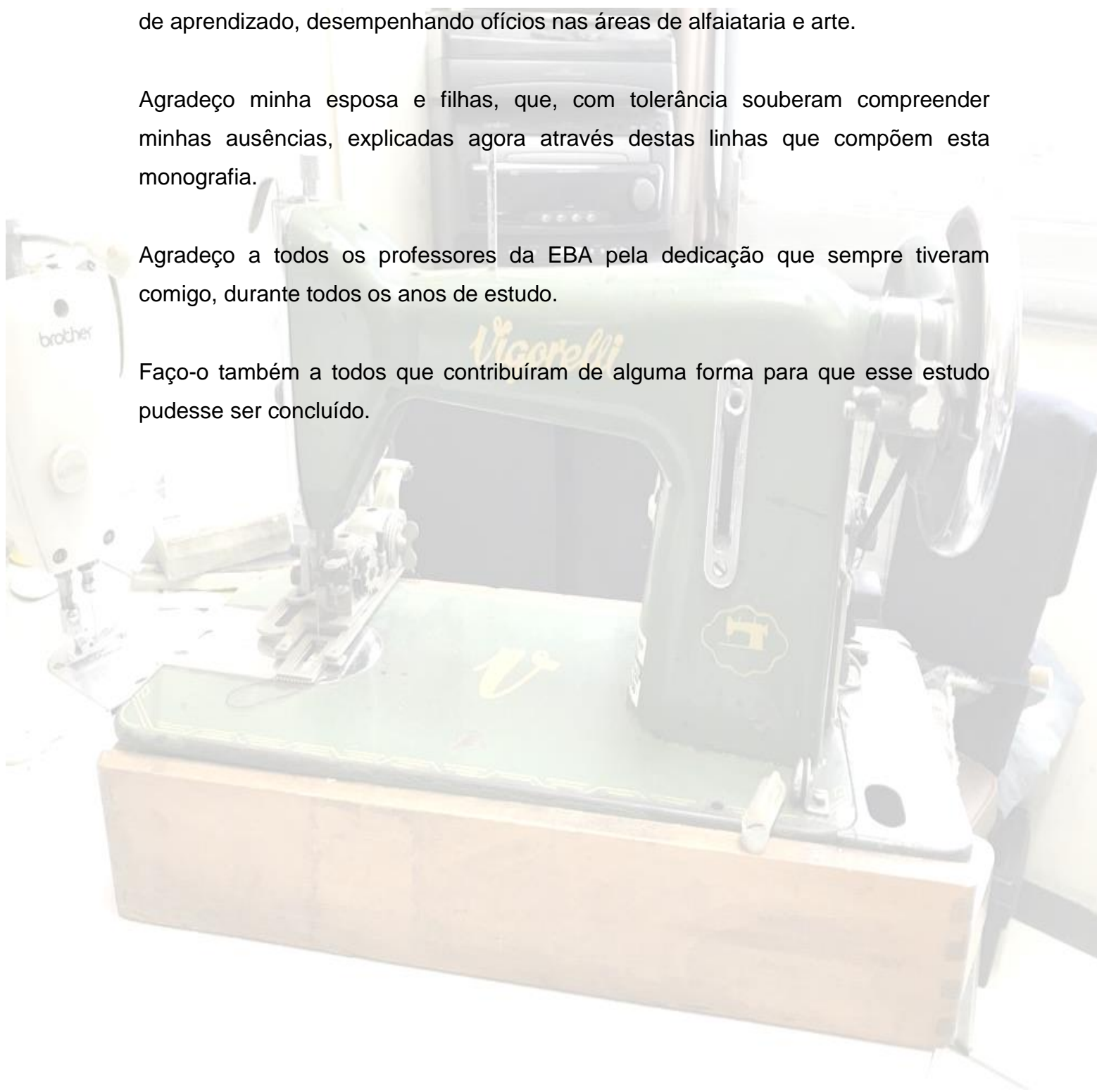
AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar força, entusiasmo e saúde para seguir minha trajetória de aprendizado, desempenhando ofícios nas áreas de alfaiataria e arte.

Agradeço minha esposa e filhas, que, com tolerância souberam compreender minhas ausências, explicadas agora através destas linhas que compõem esta monografia.

Agradeço a todos os professores da EBA pela dedicação que sempre tiveram comigo, durante todos os anos de estudo.

Faço-o também a todos que contribuíram de alguma forma para que esse estudo pudesse ser concluído.





A arte do alfaiate também se apoia na capacidade de fazer roupas que escondam as imperfeições do corpo. (JONES, 2005).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a alfaiataria e suas interfaces com a arte. Para tal definiu-se como objetivo geral discutir a relação entre o ofício realizado pelo profissional da alfaiataria e suas possíveis interfaces com a arte. Nesse sentido, os estudos penderam em direção ao referencial teórico e um estudo de caso, sobre minha própria vivência na alfaiataria, buscando assim um sonho de interligar meu ofício de alfaiate com a arte, em especial a pintura. Como cabedal teórico foram estudados: Hollander, 2003; Santella (2008); Mendonça (2010); Costa (2010) e Muller (2000). Esses autores demonstram a importância da alfaiataria e as influências artísticas, como cores e modelos. Os resultados revelaram que a arte aliada à alfaiataria traz consigo elementos culturais, sociais e políticos. Uma roupa, por exemplo, pode definir um nível social, um determinado grupo social, como por exemplo os punks com um estilo de roupa característico e diferenciado dos demais, bem como as vestes de um juiz e etc. Também foi elucidada a importância de se conhecer técnicas de costura e profundidade, já que as roupas são tridimensionais e que as cores influenciam na confecção de roupas para determinado horário; se noturnos há preferência para trajes escuros, e quando diurnos, trajes mais claros. Por fim, ficou claro que a arte está imbricada na alfaiataria e, ao conhecê-la, o alfaiate tem maiores e melhores possibilidades de desenvolver *roupas artísticas* para acompanhar as exigências da moda.

Palavras-chave: Alfaiataria. Arte. Pintura. Interfaces.

ABSTRACT

This research has as its object of study the tailoring and its interfaces with art. To this end, it was defined as a general purpose to discuss the relationship between the craft performed by the professional of the tailoring, and its interfaces with the painting. In this sense, the studies have hung on to the theoretical framework and a case study, about my own experience in tailoring, thus seeking a dream to interconnect my craft of tailor with art, especially the painting. The theoretical leather was studied: Hollander, 2003; Santella (2008); Mendonça (2010); Costa (2010) and Muller (2000). These authors demonstrate the importance of tailoring and artistic influences, such as colors and models. The results revealed that art allied to tailoring brings with it cultural, social and political elements. An outfit for, example, can define a social level, a particular social group, for example, the punks have a style of clothing differentiated from the others, as well as the robes of a judge. Also It was also elicited the importance of knowing depth techniques, since the clothes are tridimensionals, which, the colors influence in the making of clothes for certain hours, if nighttime there preference for dark costumes and daytime costumes clearer . Finally it became clear that art is embedded in tailoring and knowing it the tailor has bigger and better possibilities to develop artistic clothes to accompany the demands of fashion.

Keywords: tailoring. Art. Painting. Interfaces.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	QUANDO A AGULHA E A LINHA ENCONTRAM A PINTURA.....	9
2.1	A Alfaiataria nas Veias.....	9
2.2	A Escola de Belas Artes.....	10
2.2.1	<i>O Curso de Artes Visuais.....</i>	17
2.2.2	<i>Forma, Cor e Composição.....</i>	22
3	PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DA ALFAIATARIA.....	27
3.1	Alfaiate ou Costureiro?.....	27
3.2	A Relação Alfaiate-Cliente.....	30
3.3	Alfaiataria e Pintura.....	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	BIBLIOGRAFIA.....	34
	APÊNDICE A – SÍNTESE DE PINTURAS REALIZADAS DURANTE O CURSO DE ARTES VISUAIS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir a relação do ofício de um profissional da alfaiataria com a pintura, dividido em três partes. Na primeira parte, apresento o meu percurso na Escola de Belas Artes e como ele está entrelaçado com o meu ofício. Em um segundo momento, traço um panorama sobre o ato de vestir e sua relação com a arte. Por fim, na terceira parte, apresento uma coleção de fotos de itens de vestuário clássico da alfaiataria masculina confeccionados pelo autor e sua representação em um conjunto de telas também de minha autoria.

2 QUANDO A AGULHA E A LINHA ENCONTRAM A PINTURA

Neste capítulo faço breve explanação sobre minha vida, com ênfase em minha caminhada na alfaiataria. Também comento minha trajetória na Escola de Belas Artes da UFMG, no período entre 2015 e 2018.

2.1 A Alfaiataria nas Veias

Vindo de uma família do campo, sendo o quinto filho de quinze irmãos e portador de uma seqüela conhecida como poliomielite, a vida me apresentou seus desafios, que como disse Mario Quintana: tudo parecia uma loucura.

Meu pai vendeu a fazenda onde morávamos e mudou para a cidade de Montes Claros quando eu tinha 10 anos. Na ocasião, adquiriu uma pensão, e com um rendimento insuficiente para cuidar da família, todos nós tínhamos que trabalhar neste estabelecimento.

No entanto, devido a minha deficiência, escolhi um ofício que não exigisse muito esforço físico e me tornei aprendiz na alfaiataria, no estabelecimento do Senhor Nilton Pimenta. A primeira peça de roupa que aprendi a fazer foi uma calça, me tornando, a partir daí, um *calceiro*. Nessa época, trabalhava durante o dia e estudava à noite. No entanto, não consegui completar os estudos básicos, porque o trabalho exigia, a cada dia, mais esforço da minha mão de obra. Como precisávamos do dinheiro, me vi obrigado a abandonar, temporariamente, meus estudos, chegando a concluir o Ensino Médio posteriormente, realizando a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Adiante na vida que não para, já com 20 anos, em 1966 me mudei para São Paulo em busca de melhores oportunidades e condições de vida. Na capital paulista, trabalhei muito e aprendi o necessário para me tornar um alfaiate profissional. Tive a oportunidade de estudar em uma escola de modelagem com o Professor Paulo Puglielli. Foi nesse mesmo período que fui indicado para trabalhar em uma alfaiataria de bastante prestígio que se chamava *Minelli Alfaiate - o fino na moda Italiana*, ao mesmo tempo em que me aperfeiçoei e completei minha formação como mestre alfaiate, nessa escola.

A alegria foi grande com o novo ofício, é como diz o poeta Carlos Alberto Pio¹:

Com a máquina de costura, minha alegria é pura
E no ateliê a profissional é você
Atende com atenção, faz sua anotação

Tira a medida, faz experimento, mostra seu talento com o tecido no seu comprimento
A matéria prima é variada
A fazenda pode ser lisa ou estampada
E para fechar, tenho opção
Pode ser zíper, velcro ou botão (PIO, 2018).

Após esse período de formação, capacitado para atender os clientes, abri um ateliê de alfaiataria no bairro Liberdade, ainda em São Paulo. Esse bairro é uma espécie de colônia ocupada por orientais, em sua maioria japoneses e coreanos, e lá estava em meio deles, fazendo roupas e aprendendo com eles.

Com efeito, seus costumes e tradições contribuíram para o meu entendimento sobre as diferenças raciais e nuances variadas de gosto. Hoje vejo a força da cultura oriental em muitas das minhas decisões. Já casado e pai de três filhas. Retornei a Belo Horizonte e fui empregado na Alfaiataria *Hermano Durões*, antes de conseguir montar meu próprio atelier novamente.

2.2. A Escola de Belas Artes

A minha relação com a Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), se inicia com um convite para ministrar a disciplina *Acabamento de Confecção* para o curso de *Estilismo e Modelagem do Vestuário* nessa instituição. Com essa experiência, iniciou-se um novo estágio em minha carreira, que despertou a vontade de retornar aos estudos e aprimorar conhecimentos adquiridos ao longo de uma razoável dedicação ao trabalho de alfaiate. A convivência com a comunidade da EBA me aproximou da pintura e a partir dessa experiência, passei a frequentar cursos livres de pintura em Belo Horizonte, no curso de extensão da Escola de Belas Artes da UFMG e disciplinas na modalidade isolada.

¹ Cf. PIO, Carlos Alberto. **Poema sobre o dia da costureira**. Disponível em: https://www.pensador.com/poema_sobre_o_dia_da_costureira/. Acesso em: 30 out. 2018.

Após um longo percurso que envolveu, desde o aprendizado de noções básicas sobre pintura até minha aprovação no Enem em 2015, quando consegui ingressar como aluno na UFMG e, com grande alegria, busquei e busco ainda hoje aprimorar meus conhecimentos na Habilitação em Pintura.

Meio desengonçado, mas com bastante força de vontade para seguir esse novo sonho, me lancei e fiz os primeiros *rascunhos*, como mostro a seguir:

IMAGEM 01 – PINTURA ABSTRATA ÓLEO SOBRE TELA



Fonte: Fotografia Tirada por Bayron (2018).

IMAGEM 02 – PINTURA ABSTRATA ÓLEO SOBRE TELA



Fonte: Fotografia Tirada por Bayron (2018).

Como visto, nas duas imagens, eu ainda estava bem no início de uma aprendizagem artística, assim, é relevante anotar que as disciplinas ofertadas neste curso foram, sem dúvida, condições ímpares para minha formação. Também não posso negar a importância de meu histórico profissional, que muito contribuiu para minha desenvoltura acadêmica.

Com efeito, minha vivência na alfaiataria foi o motivo principal para ingressar no curso de Artes Visuais. Nesse período continuei a fazer as peças de alfaiataria, conciliando as minhas atividades com o meu novo aprendizado, tal como apresentado na imagem seguinte.

IMAGEM 03 – TERNO EM MODELO ITALIANO



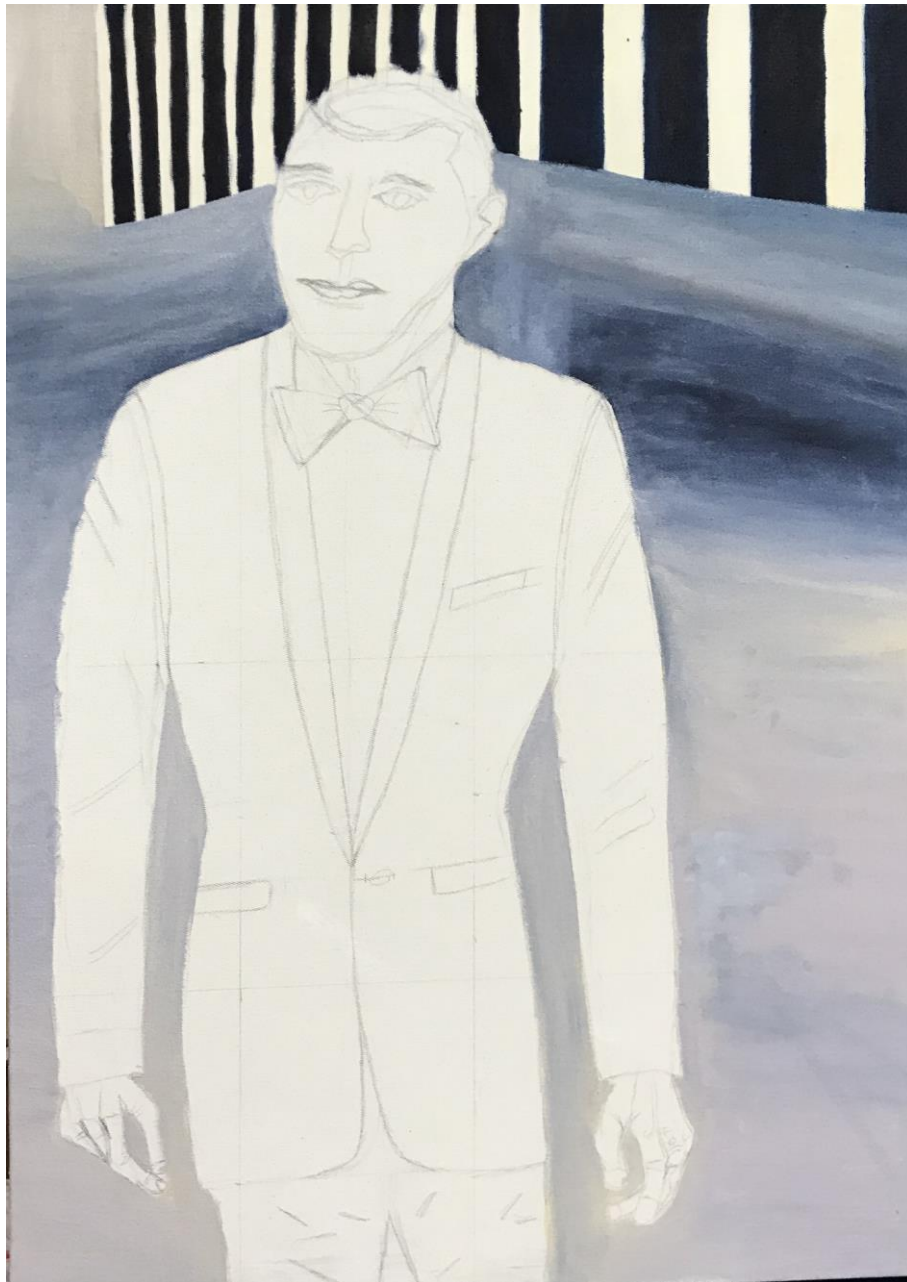
Fonte: Fotografia tirada por Bayron (2018).

A imagem nº 3 reproduz uma das minhas confecções na alfaiataria: um terno encomendado para um casamento noturno, um evento que pede uma certa

formalidade e elegância (lembrando que as roupas claras têm mais preferência para uso diurno e as escuras para uso à noite).

Tentando aproximar ainda mais a arte e a alfaiataria, realizei diversas atividades, como descrevo a seguir, exemplificando esse movimento com um smooking e um terno gigante.

MAGEM 04 – RASCUNHO PARA HOMEM DE SMOOKING



Fonte: Fotografias tiradas por Bayron (2018).

IMAGEM 05 – HOMEM DE SMOOKING - PINTURA ÓLEO SOBRE TELA

Fonte: Fotografias tiras por Bayron (2018).

IMAGEM 06 – TERNO GIGANTE

Fonte: Fotografia tirada por Bayron (2018).

Através de imagens de trabalhos realizados durante o curso, bem como das imagens referentes às obras em alfaiataria, o aprendiz iniciante – eu – agora gostaria de destacar que percebemos algumas habilidades em pintura que não tinha.

Como o foco principal deste texto é discutir a relação entre a alfaiataria e a arte de forma simples, clara e objetiva, entendo que tenho seguido um bom caminho, que tem me revelado uma percepção mais complexa e rica entre arte e moda.

2.2.1 O Curso de Artes Visuais

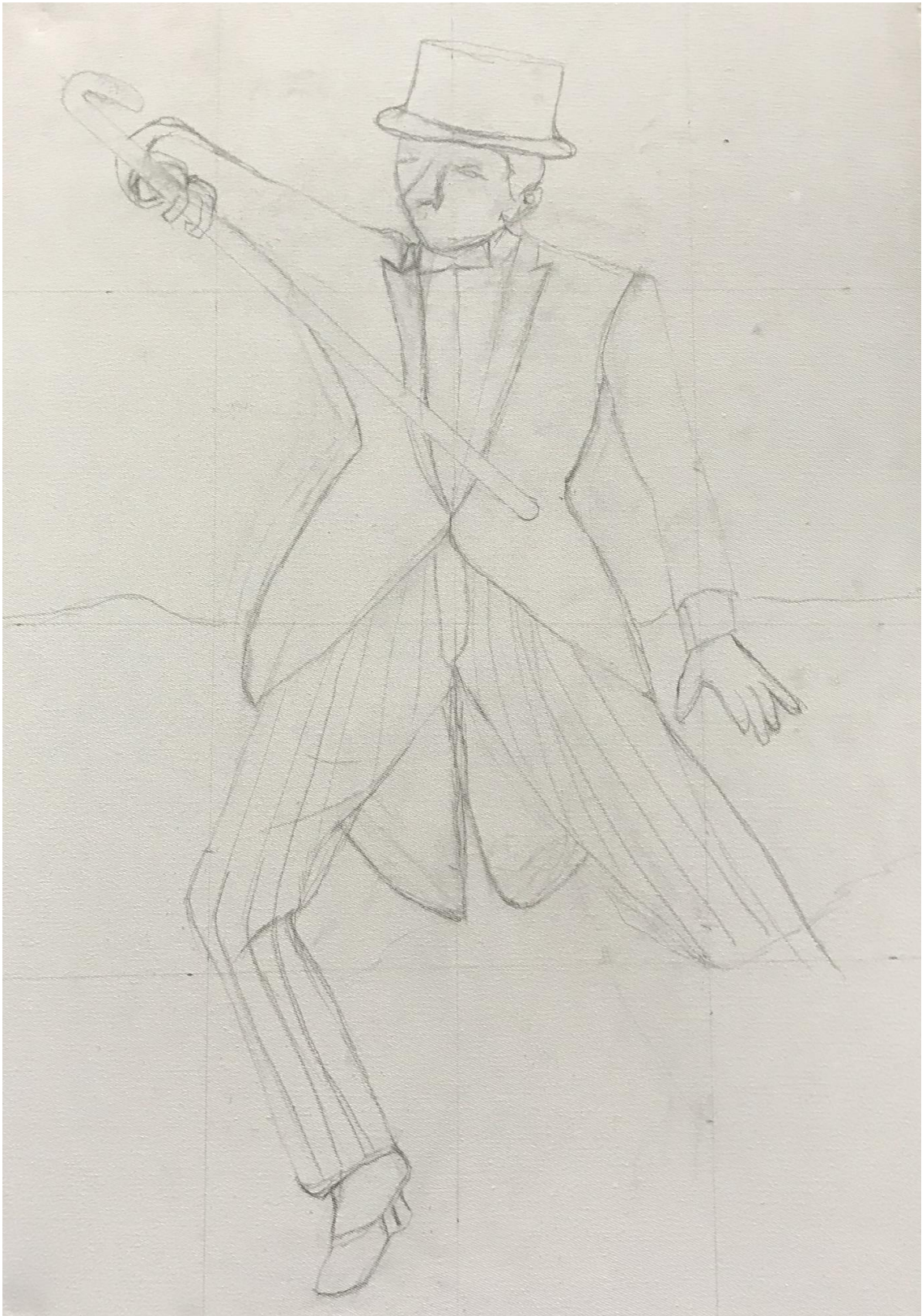
Um frio na espinha é o que sinto! Quando o estudante está concluindo o curso de Artes Visuais, começa a se preocupar de como irá atuar no mercado, na vida profissional que vai se iniciar. *Viver de arte* é bastante complicado, pois o artista deve produzir obras com consistência e originalidade, que causem algum impacto no mercado e sejam notadas pelo circuito. O artista teve ser suficientemente atuante, fazer e visitar exposições, tanto em galerias quanto em instituições culturais, mantendo a autocrítica no ponto.

É relevante ressaltar que a graduação é importante, mas não é a única fonte de conhecimento necessária à nossa formação. O artista que pretende validar as suas criações deve submeter o seu trabalho à análise de um curador, um crítico de arte e/ou um bom *marchant*, além de trocar impressões com seus colegas e pares.

As relações sociais também exigem um cuidado em sua condução: é importante publicar artigos, lecionar em boas instituições de ensino, circular no campo das gestões administrativas, buscando relacionamentos relevantes nesses meios. Portanto, como alfaiate e pintor, considero-me consciente das minhas possibilidades no mercado. Pretendo seguir com cautela e persistir naquilo que gosto, uma premissa fundamental para minha atuação na área, me conduzindo também pelos meus anseios mais íntimos.

Nesse sentido, aprendi mais do que habilidades em desenho e pintura, mas alimentei uma autoconfiança na realização de minhas obras. Sendo assim, percebi que é possível misturar as tintas com o papel, com o tecido, com a linha e criar uma alfaiataria *com arte*. Dessa forma, a sequência de imagens de trabalhos a seguir, demonstra parte desses resultados.

Com a visualização da sequência pode-se perceber claramente que a arte é uma parceira bastante rica da alfaiataria.

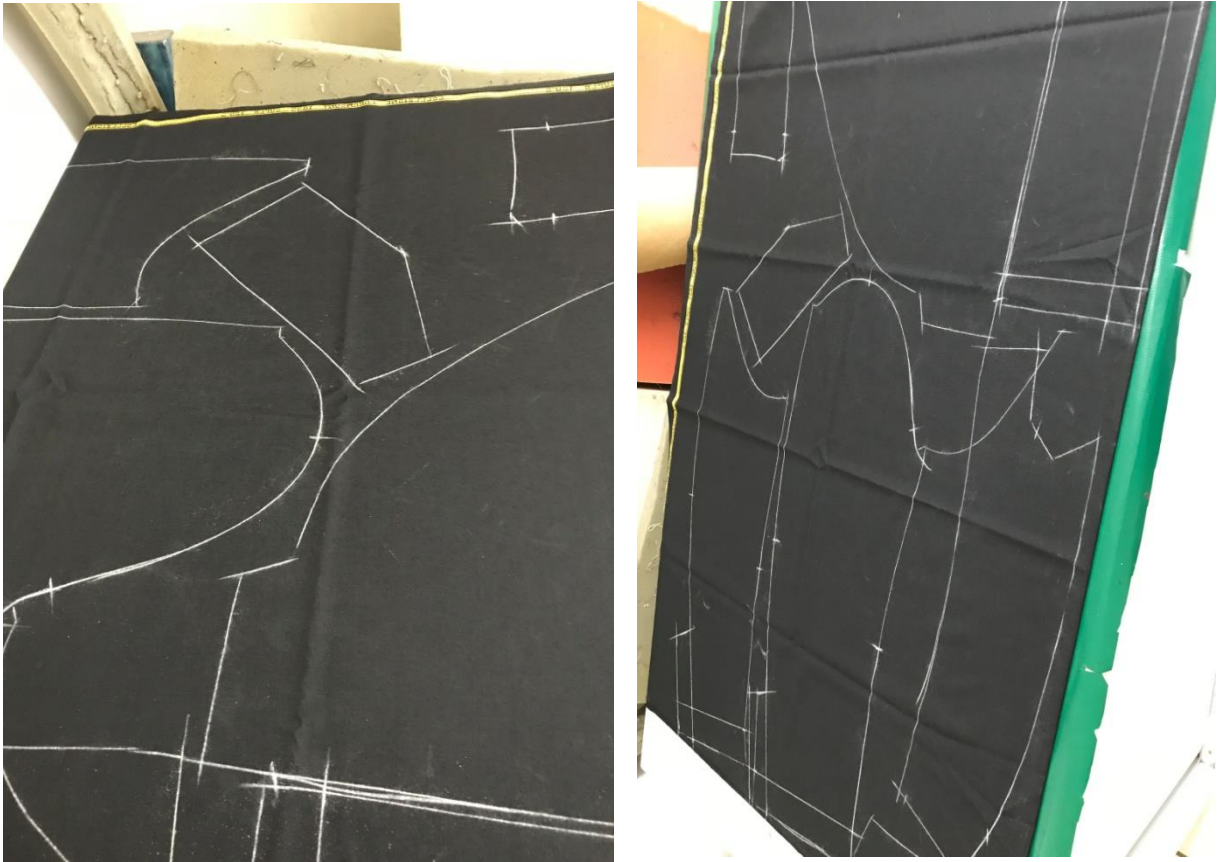
IMAGEM 07 – ESBOÇO PARA UM FRAQUE

Fonte: Fotografias tiradas por Bayron (2018).

IMAGEM 08 – ESBOÇO PARA UM FRAQUE



Fonte: Fotografias tiradas por Bayron (2018).

IMAGENS 09 E 10 – MODELAGEM DE FRAQUE A PARTIR DA PINTURA

Fonte: Fotografias tiradas por Bayron (2018).

Do ponto de vista de um alfaiate, a imagem do corpo humano é composta por um cilindro e por hastes, sendo o primeiro representado pela cabeça e o tronco, e as hastes representadas pelos braços e pernas. Essa concepção geométrica de um formato impõe especificidades no trabalho da modelagem por ser uma estrutura tridimensional, que resulta na roupa pronta.

O mundo em que vivemos também é um espaço tridimensional; o que vemos não é apenas uma imagem plana, comprimento e largura; mas um espaço com profundidade física e material. Nesse sentido, na disciplina *Estudo da Forma* realizamos trabalhos com conceitos de tridimensionalidade, ponto e linha sobre o plano e tensões, permitindo uma maior compreensão da imagem inserida no plano, mesmo plena de fisicalidade e volumetria.

IMAGEM 11 – FOTO DE UMA ESCULTURA TRIDIMENSIONAL

Fonte: Fotografias tiradas por Bayron (2018).

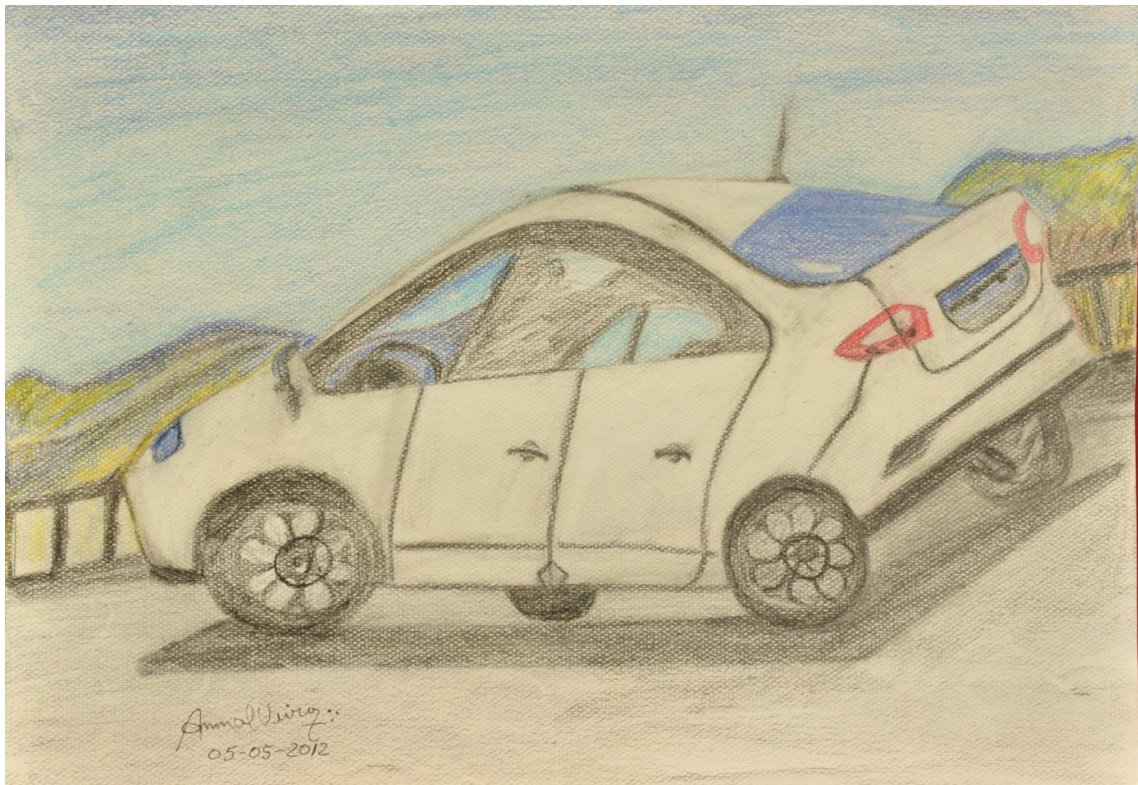
Tal como na figura nº 11 (realizada na disciplina “Escultura em Pedra e Madeira”), há uma habilidade específica em curso na tridimensionalidade, importantíssima para a confecção de roupas. Considero que esse é um conhecimento que já tinha enquanto alfaiate, mas aqui precisei de uma oportunidade para aprofundar essas habilidades durante as experiências do curso.

Espera-se que na alfaiataria exista uma harmonia entre a roupa e o corpo. A roupa é o material que envolve a forma. A fita métrica é parceira do alfaiate, pois auxilia na interpretação, leitura, referência e aplicação espacial da forma do corpo ao tecido. Com as medidas precisas de um cliente, há um impacto direto no resultado da roupa confeccionada.

Nessa linha de pensamento, a partir da imagem 11, por exemplo, pode-se identificar a importância do conhecimento sobre a forma para uma harmonização da silhueta do corpo com a roupa, criando uma adequação prática e estética entre roupa e corpo de quem a usa.

Outra disciplina importante durante o Curso na relação com a profissão de alfaiate é o *Desenho de Objeto*. Nessa área de conhecimento, o trabalho se apresenta como um grande desafio, uma vez que uma especificidade dessa prática é a compreensão da perspectiva e representação. Ressalto que, pessoalmente, o que mais me entusiasmou nesse caso foi a possibilidade de inserir no plano a forma de um objeto qualquer.

IMAGEM 12 – FOTO DE UM DESENHO DE OBJETO NO PLANO



Fonte: Fotografias tiradas por Bayron (2018).

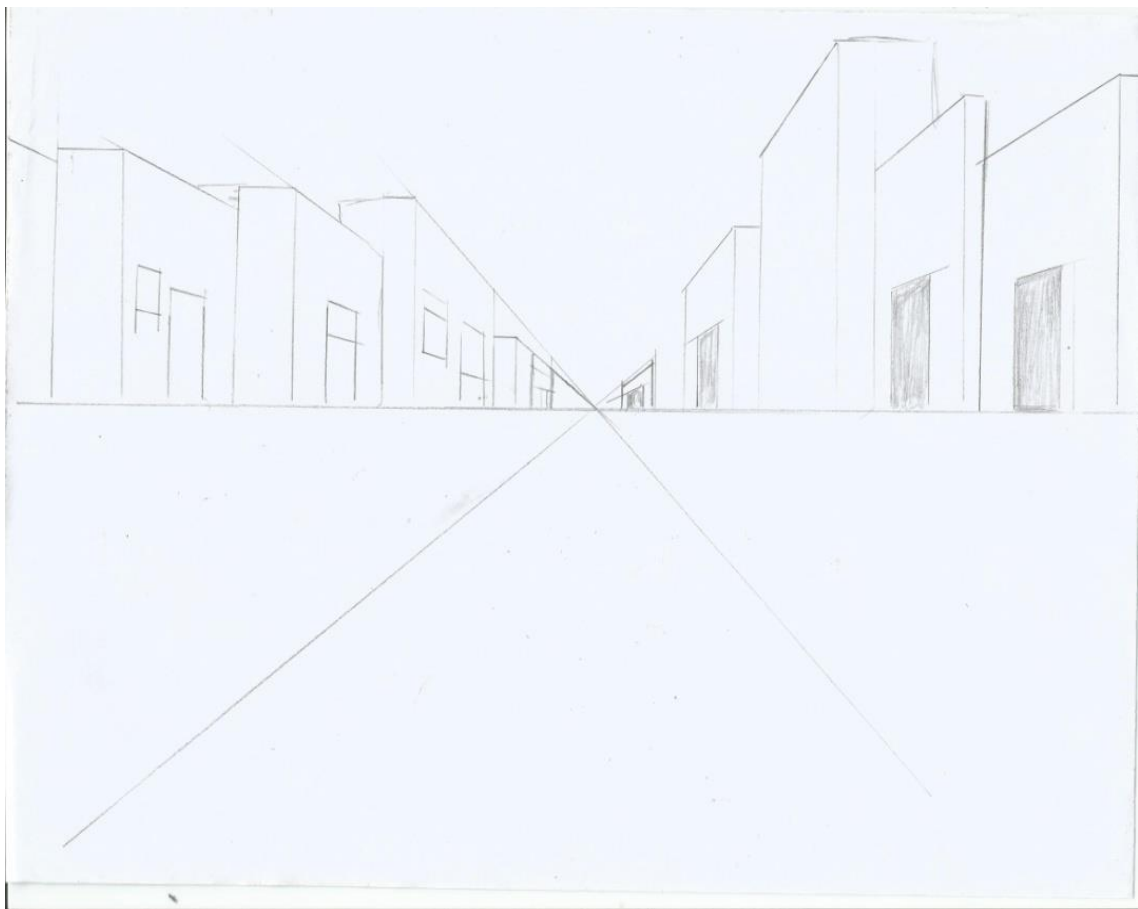
Tal como na imagem nº 12, um objeto sobre o plano foi desenhado durante essas aulas, o que também traz uma certa visão de um objeto tridimensional no plano.

2.2.2 Forma, Cor e Composição

Ainda durante o curso percebi grande valia nas aulas da disciplina “Forma, Cor e Composição”. Aprendemos que para dar forma aos objetos é necessário utilizar o recurso da perspectiva, pois este fornece uma visão privilegiada dos objetos, dando a sensação de profundidade, altura e largura. Entre as perspectivas tem-se a perspectiva plana, a aérea e a invertida.

As experiências nas aulas também demonstraram que a perspectiva sempre trabalha com a linha do horizonte (conforme a imagem nº 13), de um registro solicitado como produto do trabalho objeto de avaliação pelo professor da disciplina “Forma, Cor e Composição”, realizado durante o curso, que são simples linhas retas que nos dão a impressão de profundidade.

IMAGEM 13 – PERSPECTIVA DESENHADA PELO AUTOR, PARA A DISCIPLINA “FORMA, COR E COMPOSIÇÃO”



Fonte: Fotografia tirada por Bayron (2018).

Outra questão que sem dúvida merece destaque é a escolha das cores, pois, ao olhar as cores escuras tem-se uma sensação de profundidade; enquanto se trabalha com a luz clara, há uma sensação de elevação e/ou altura. As sombras proporcionam o efeito de tamanho e distância e nessa pintura de óleo sobre tela realizada durante o curso se pode observar a profundidade aliada às cores.

IMAGEM 14 – PAISAGEM COM TOM DE PROFUNDIDADE



Fonte: Fotografia tirada por Bayron (2018).

A imagem nº 14 trabalha com a profundidade da seguinte maneira: no primeiro plano estão as árvores e, em segundo e terceiro planos, as casas e as montanhas, evidenciada pela variação de cores. Nesse sentido, na alfaiataria, fatores como profundidade, sombreamento e cores podem influenciar certos efeitos nas roupas. Como exemplo tem-se que, usualmente, durante a parte da manhã, dá-se preferência a roupas com tons mais claros e no período noturno a preferência é para roupas escuras.

É importante perceber que as noções de cores ainda auxiliam o alfaiate a atender as expectativas do seu cliente. Uma vez que cada peça tem um propósito específico, por exemplo: para um casamento na parte da manhã recomenda-se uma

roupa clara, tendo em vista que a incidência dos raios solares em uma peça clara não será totalmente absorvida, dando ao seu usuário algum conforto em relação à sensação térmica. Todavia, o contrário ocorre com uma roupa escura, que retém os raios solares e, conseqüentemente, aumenta a sensação de alta temperatura no corpo da pessoa que veste a roupa.

Por outro lado, a roupa escura dá um sentido de profundidade, criando a sensação de uma silhueta alongada, fornecendo uma impressão de magreza aos corpos. Há ainda uma ênfase na elegância. Essas noções de cor, forma e composição auxiliam o alfaiate nas escolhas de vestuário, levando em consideração as solicitações individuais de cada cliente.

Nesse sentido o desenho tem papel fundamental para despertar no cliente a sensação de realidade da peça que será produzida pelo alfaiate.

IMAGEM 15 – FOTO DEMONSTRANDO A SOMBRA DO COLETE



Fonte: Fotografia tirada por Bayron (2018).

Na disciplina de “Desenho C” foram trabalhadas noções de desenho que aprimoram a percepção visual de formação de imagens para serem aplicadas ao

vestuário. O exercício de desenho praticado durante o curso contribuiu para desenvolver a habilidade manual, a leveza, a precisão do traçado e a volumetria.

Também foram estudadas noções de proporção do corpo humano, bem como suas relações com a estrutura do desenho. Um exemplo clássico é o de Leonardo da Vinci, e o homem Vitruviano².

Nas aulas da citada disciplina foi ensinado que a figura humana tem como base o tamanho da cabeça, sendo que o corpo é desenhado tomando como base a medida de sete cabeças. Dessa maneira, é importante ressaltar que o curso deu ênfase ao desenho da figura humana despida.

Portanto, retratar fielmente as proporções do corpo humano ainda impõe dificuldades, no entanto, a disciplina “Desenho C” contribuiu para o desenvolvimento de um senso estético que é de suma importância para a pintura. Destaca-se a importância de itens como cor, luz e composição no exercício da pintura. Uma das contribuições da disciplina *Desenho C* para a alfaiataria se evidencia no *design* de figurino.

Com efeito, uma das preocupações do estilista é criar uma imagem compatível com o corpo que se deseja vestir, nesse caso o alfaiate é o mediador, viabilizando a execução do desenho no corpo do cliente. Quando um cliente procura o serviço do alfaiate, na maioria das vezes, ele já idealizou a peça que quer vestir. O alfaiate tem a função de auxiliar o cliente na escolha da cor, da padronagem e da textura do tecido a ser trabalhado.

As disciplinas relatadas fazem uma alusão ao tema do presente trabalho e demonstram como conceitos ministrados no curso de Artes Visuais têm aplicação prática no ofício do alfaiate. No dia a dia do seu trabalho, o profissional aplica, mesmo que intuitivamente, noções que são abordadas no curso e resignifica sua prática, dando um novo sentido à sua profissão. Entendo que as disciplinas não devem ser compreendidas apenas como um compêndio do curso de graduação, uma vez que a contribuição dada por cada uma para a formação de um estudante vai além dos conteúdos ministrados, havendo dificuldade em mensurá-las. Neste texto elas ilustram o elo prático que perpassa a pintura e o trabalho de alfaiate e

² O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci é um desenho famoso que acompanhava as notas feitas pelo artista por volta do ano 1490 num dos seus diários. Descreve uma figura masculina nua separada e simultaneamente em duas posições sobrepostas com os braços inscritos num círculo e num quadrado (WIKIPÉDIA, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_vitruviano).

servem como subsídio para a análise das peças confeccionadas e das pinturas que compõem o presente trabalho.

3 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DA ALFAIATARIA

Neste capítulo se objetiva compreender a alfaiataria ao longo da história e como ela se encontra atualmente, tendo em vista as roupas prontas e a perda da identidade.

3.1 Alfaiate ou Costureiro?

O termo “alfaiataria” se refere não somente às técnicas específicas de costura à mão e à máquina ou à forma de passar as peças, mas também a uma roupa cujas formas e contornos não são influenciados exclusivamente pelo formato do corpo de quem a veste. (FISCHER, 2010:113)

A noção tradicional da alfaiataria, aquela que se caracteriza por uma produção exclusiva, mantém forte relação com aspectos sociais, econômicos, territoriais, culturais e também artísticos.

Inicialmente, convém apontar que a relação do homem com a roupa remonta há milhares de anos, podendo-se afirmar que tal aparato acompanhou a evolução da espécie humana, afinal, desde as famosas folhas de parreiras que teriam sido utilizadas por Adão e Eva, ou passando pelas peles de animais que cobriam os homens das cavernas, o uso de uma indumentária para proteção do corpo é algo reconhecido pela sociedade.

Outra questão importante na alfaiataria se refere ao nível social estabelecido. Em diversos momentos da História pode-se ver relatos em que o modo de se vestir identifica características de uma classe social.

Exemplo dessa diferença entre vestuários pode ser vista na afirmação de Mendonça. Segundo ele:

As distinções indumentárias, tão procuradas pela burguesia ascendente, tinham nas gravuras de moda seus facilitadores. Mas a sua maior importância, tal como nos aponta o historiador, é que “elas podem ser vistas como o apogeu de uma civilização visual, em que as combinações empíricas serviam para expressar a situação social (MENDONÇA, 2010, p.58).

Nesse caso as roupas diferenciavam burgueses e nobres das demais classes sociais, expressando uma situação social diferenciada. Mendonça (2010), ainda lembra que os gregos confeccionavam roupas para as pessoas mais ricas, com um quitão³ feito com tecidos mais finos. Todas as roupas utilizadas eram de lã e eram muito coloridas, uma das cores mais usadas era um vermelho escuro, intenso, ou, então, púrpura.

Com efeito, vale ressaltar que, segundo Hollander (2003), a alfaiataria sempre foi um ofício exclusivamente masculino, no entanto, durante o reinado de Luís XIV, “um grupo de costureiras francesas solicitou com sucesso a permissão para formar uma guilda de alfaiates femininos para confeccionar roupas para mulheres – iriam tornar-se as primeiras modistas”. (HOLLANDER, 2003, p.88)

Esse evento foi importante, porque, a partir daí houve grande repercussão em toda a Europa e com isso as mulheres passam a confeccionar roupas para mulheres e homens confeccionavam para homens. Dessa maneira, “A moda ficou cada vez mais dividida entre a respeitável alfaiataria masculina e a frívola “moda” para as mulheres” (HOLLANDER, 2003, p.88).

Essa nova situação, segundo Hollander (2003) levou a alfaiataria masculina a ter prejuízo, pois, o consumo feminino era muito maior. Enquanto a alfaiataria masculina seguia uma linha tradicional, de maneira artesanal, a feminina passou a oferecer mais ornamentos e possibilidades. Esse processo teve seu cume no século XIX e continuou se desenvolvendo até os dias atuais.

Embora a moda masculina ainda tenha resistência a roupas prontas, a partir de 1970, segundo Maleronka, há exigência de novas demandas, tendo em vista o desenvolvimento da indústria e do comércio. Então, nesse período inicia-se uma queda no consumo do “sob medida”, confeccionado pelos alfaiates e há gradual popularização do consumo de roupas prontas, fabricadas em série.

Em tempos atuais, Santella (2008) diz que:

Não há nada mais eficaz do que a moda para dar expressão teatral à experiência alucinatória do mundo contemporâneo. É a moda que exhibe, por meio de signos mutantes, a corporificação, a externalização performática de subjetividades fragmentadas, sem contornos fixos, movediças, escorregadias, mutáveis, flutuantes, voláteis. Em razão disso, a moda se constitui em laboratório privilegiado para o exame das subjetividades em trânsito (SANTAELLA, 2008, p. 27).

³ Espécie de túnica leve, utilizada pelos gregos ricos.

Com efeito, ao analisar a época moderna, é importante destacar a Revolução Industrial como um marco inquestionável para a produção de vestuários, na medida em que o processo artesanal perde espaço para a produção em grande série, a partir da industrialização dos meios de produção. Tal mudança gerou impactos relevantes para a área, dentre os quais se pode destacar a possibilidade de redução de custos, a popularização das roupas, o uso de materiais mais diversificados, como lã, linho, seda, algodão e sintético.

Dessa forma, a partir da industrialização das confecções houve um incentivo grande para o surgimento de estilistas, nos moldes conhecidos atualmente, em que a criação atinge um número expressivo de pessoas, auxiliando na formação de ideias e, por que não, comportamentos. Isso ocorre porque o ofício do estilista ganha destaque na sociedade, passando a influenciar as pessoas a partir da sua expressão artística, pois, a partir do momento em que ele associa a sua roupa a uma etiqueta, esta recebe uma identidade que pode ser compartilhada por aquelas pessoas que se identificam com a expressão artística revelada pelo estilista.

Outro indicativo de que as roupas sempre estão acompanhando as transformações da sociedade é a disputa entre homens e mulheres que aconteceu na década de 1980. Segundo Costa (2010),

A versão feminina do yuppie é uma mulher decidida, que ocupa postos de destaque em grandes empresas, determinada a vencer preconceitos e conquistar seus objetivos a todo custo. A mulher yuppie mescla feminilidade com masculinidade, usa casacos com ombreiras largas, saia curta, uma blusa representando a feminilidade e uma bolsa Louis Vuitton, Hermès ou Chanel. (COSTA, 2010, p. 154).

Como visto, o vestuário sempre ocupou lugar de destaque nas transformações sociais e, como não poderia deixar de ser, sempre aliado à estética, ao artístico.

Nesse sentido, a maneira de o indivíduo vestir-se revela aspectos de sua personalidade, bem como do meio, grupo social em que se encontra inserido, o que contribui para a formação de seu estilo e identidade.

Tal identidade pode ser fruto de uma construção independente, livre, ou, então imposta, determinada, pelos costumes sociais de um grupo que se caracteriza pelo uso de trajes, por exemplo. O vestuário pode sugerir, auxiliar na identificação de traços da personalidade do indivíduo, bem como do grupo do qual ele faz parte. A

compreensão da roupa como forma de expressão permite identificar, em estilos diversos, uma manifestação do sujeito, seja no sentido de se integrar a um grupo ou, ainda, distinguir-se deste.

É importante reconhecer, conforme dito, que a opção por determinada roupa pode dar indícios da personalidade de quem a usa, bem como seus desejos e emoções. Assim, aquele profissional que atua no desenvolvimento das roupas precisa perceber que:

Cada cultura contém subculturas – Grupos que compartilham sistemas de valores baseados em experiências e situações de vida em comum, seja por descendência de outras nacionalidades, por religião, por localização geográfica ou raça. Mulheres muçulmanas, por exemplo, tem o hábito de usar véus. Ciganos casam-se com roupas vermelhas. Lapões vestem exatamente o mesmo traje, apenas com inversão de cores como diferenciação entre os sexos (GARCIA; MIRANDA, 2005, p.46).

Além da função identitária de grupos específicos, determinados vestuários podem se tornar tão emblemáticos que passam a representar indivíduos específicos, em face da singularidade do estilo adotado. É o que ocorre, por exemplo, em casos de artistas como Elvis Presley ou Carmen Miranda, em que o figurino passou a complementar a *performance* artística deles, de forma que qualquer pessoa que utilize o mesmo vestuário será imediatamente a eles associados. A adoção de figurinos impactantes, tais como os citados, complementa a atuação artística, tamanha é a importância da roupa como meio de expressão e comunicação.

3.2 A Relação Alfaiate-Cliente

Outra relação importantíssima para o alfaiate se refere a que se estabelece com seu cliente, pois é preciso cativá-lo. Uma das melhores propagandas nesse tipo de serviço é a indicação, sendo muitas vezes o ponto de partida de uma relação que pode durar anos, devidamente acompanhada por uma confiança de ambas as partes.

Considerando que o cliente tem um propósito que está quase sempre relacionado com a sua imagem pessoal, durante a reunião com o mesmo o alfaiate tem a oportunidade de entender as suas expectativas em relação a sua roupa. A confecção de uma peça de vestuário pode estar atrelada a uma ocasião específica e à posição exercida pelo cliente em uma determinada situação. Nessa oportunidade,

o alfaiate negocia com o cliente a melhor opção, levando em consideração um contexto ampliado e todos os fatores envolvidos, como por exemplo, onde a roupa será usada, se em casamentos, formaturas, posses, batizados e situações de trabalho.

Existe ainda um envolvimento emocional na confecção de uma roupa. Não é raro o cliente contar com a ajuda de familiares e/ou amigos na escolha e na prova de uma peça feita sob medida. Exemplo clássico são as mães das noivas que sempre acompanham a filha nesse momento especial. Em tais casos a confecção do vestido vem imbuída de uma carga afetiva que influencia no trabalho do alfaiate.

Nesse caso específico me recordo de dois fatos marcantes em minha vida:

[...] o primeiro foi um cliente que tinha um sonho de formar-se vestido de pinguim, então, fiz uma pesquisa e conseguimos atender a vontade dele. No dia que ele provou a roupa ficou tão feliz que saiu pulando de alegria. O segundo episódio foi uma roupa que fiz quando era responsável pelo figurino de uma ópera. Os atores me confidenciaram que gostaram tanto que não devolveriam para a produção seria um artigo de recordação, um souvenir (Fala Minha, o Autor, 2018).

Esses dois exemplos ilustram a relação de afeto que a roupa pode criar e como o alfaiate pode intermediar essa relação realizando sonhos de seus clientes.

3.3 Alfaiataria e Pintura

Em que pese as divergências sobre a classificação da moda como arte, entendo que também existem importantes aspectos de aproximação entre as duas atividades, na medida em que ambas caracterizam-se por ser um canal de comunicação e expressão, capaz de instigar os observadores, bem como estimular o modo das reflexões decorrentes.

Segundo Kim (1988),

[...] os conceitos pós-modernos de moda, tendem a uma abordagem interdisciplinar de modo a abraçar diversas formas e práticas estéticas que enriquecem a experiência humana do mesmo modo que a arte pós-moderna. Ao que parece a moda se tornou uma disciplina reconhecível dentro do mundo da arte pós-moderna como resultado de concepções expandidas de moda e arte (KIM, 1998, p.70).

Percebo que as atividades se assemelham pelo fato do artista e/ou alfaiate desempenharem os seus ofícios valendo-se de sua sensibilidade, senso estético, buscando imprimir na sua obra traços da sua personalidade ou estado de espírito, de forma que a imagem ou a roupa desenvolvida sejam capazes de provocar reações em terceiros.

Dessa maneira, artistas e estilistas cada vez mais navegam por diversas áreas, como demonstra Sorcinelli (2008), segundo ele:

[...] o *cross over* cada vez mais evidente entre arte e moda, duas áreas que, a exemplo de outros setores culturais e estéticos co-criativos, mesclam suas modalidades expressivas e comunicativas, perdendo, às vezes, a sua especialidade de linguagem da arte, recorrendo com maior frequência a termos como happening, concept, instalação (SORCINELLI, 2008, p.89-90)

Como se pode perceber, a moda e a arte atualmente acabam por mesclar elementos das várias áreas e com isso criam uma linguagem própria, destinada a públicos diferenciados, em cadeia de aproximações.

Convém apontar que há outros fatores de ligação entre as atividades, no que tange às habilidades que os pintores e alfaiates precisam ter: conhecimento sobre as formas do corpo humano, bidimensionalidade e tridimensionalidade, precisão e destreza com as mãos, apreço pela estética e pela sensibilidade. Tais atributos são necessários para o adequado desenvolvimento do ofício.

Estabelecer pontos de intersecção entre os dois ofícios ainda é possível a partir da relação que as pessoas estabelecem com as obras e com as roupas, na medida em que são justificadamente valorizadas pelos seus possuidores, ao permitir uma conexão com emoções que lhe são caras. É por tal motivo, por exemplo, que a exclusividade da roupa feita por um alfaiate é reconhecida pelo seu dono, além do fato de haver uma associação da peça com momentos ou épocas marcantes e importantes na sua vida. Assim, é possível dizer que tal como as peças de arte, as roupas são capazes de provocar emoções diversas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou atender aos seus objetivos iniciais, demonstrando a relação entre a arte e a alfaiataria, o que contribui para melhorar minha performance enquanto alfaiate, e ainda desenvolver as minhas habilidades de pintura, modelagem e escultura.

Os estudos teóricos revelaram que a arte vem influenciando a alfaiataria e mais recentemente a indústria do vestuário em geral. Os trajes e os tecidos utilizados podem definir até mesmo a classe social do sujeito, assim como o vestuário define tipos de culturas e subculturas, como por exemplo, as mulheres muçulmanas utilizam véus, os ciganos se casam com roupas vermelhas, os escoceses usam *kilts* (saias), etc.

Outra questão aqui trabalhada foi que com a indústria da confecção pronta pensava-se que a extinção da alfaiataria era uma certeza, no entanto ficou evidente que não foi assim, e que ela permanece atendendo aos clientes mais exigentes (mesmo porque uma das funções da roupa “sob medida” é também esconder pequenas imperfeições do corpo).

A pesquisa argumenta que é possível aproveitar os conhecimentos e a experiência adquiridos no curso de Artes Visuais no desempenho do ofício de alfaiate, e vice-versa, pois a noção de estética e arte é um atributo comum às duas áreas práticas de conhecimento.

Foram apresentados no presente trabalho pontos de interseção entre a alfaiataria e a pintura, o que se fez através inclusive da exposição de algumas obras que foram concebidas em pintura, a partir de peças de alfaiataria. O objetivo foi demonstrar a proximidade existente nesses diferentes meios de expressão artística, que compõem – ambos – a minha prática.

BIBLIOGRAFIA

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Livraria Pioneira, 1987.
- COSTA, Dhora. **A história das bolsas**. São Paulo: Matrix, 2010.
- COSTA, Dhora. **A história das bolsas**. São Paulo: Matrix, 2010.
- DERDYK, Edith (Org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Senac, 2007.
- FISCHER, Anette. **Fundamentos do design de moda**: construção do vestuário. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17^a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1987.
- GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. **Moda é comunicação**: experiências, memórias e vínculos. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.
- JONES, Sue Jenkyn (2005). **Fashion design**: O manual do estilista. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- KANDINSKY, Wassily. **Ponto e linha sobre plano**: contribuição à análise dos elementos da pintura. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher (1920-1950). São Paulo: SENAC, 2007.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990
- MENDONÇA, C.M.C.; VAZ, P.B.F. Last look: moda e corpo na revista Vogue America. In: SIMPÓSIO TEMÁTICO CORPOS E IDENTIDADES MIDIÁTICOS. **O discurso das revistas femininas**. Florianópolis, 2008
- MENDONÇA, CMC. **Mulheres de papel**: jornalismo feminino, moda, vogue in Tese defendida em 2010
- SANTAELLA, Lucia. A volatividade subjetiva e a moda. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia. **Corpo e moda**: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.
- THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa II**: A maldição de Adão. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

APÊNDICE A – SÍNTESE DE FOTOS DE PINTURAS REALIZADAS DURANTE O CURSO DE ARTES VISUAIS DA UFMG⁴

IMAGEM 01 – FLORESTA - TÉCNICA TÊMPERA



Dimensão 30 x 40 (Ano, 2015)

⁴ Os quadros constantes neste apêndice foram pintados por mim e as fotos tiradas por meu amigo e fotógrafo, Bayron, no mês de outubro/2018.

IMAGEM 02 – ROCHEDOS - TÉCNICA TÊMPERA ACRÍLICA

Dimensão 30 x 40 (Ano, 2015)

IMAGEM 03 – FRENTE DO COLEGIADO DA EBA – TÉCNICA ACRÍLICA

Dimensão 40 x 60 (Ano, 2015)

IMAGEM 04 – SEM TÍTULO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA



Dimensão 20 x 30 (Ano, 2016)

IMAGEM 05 – QUEIMADA – TÊMPERA ACRÍLICA

Dimensão 30 x 40 (Ano, 2016)

IMAGEM 06 – ESTRADA – TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 50 x 70 (Ano, 2018)

IMAGEM 07 – O MÁGICO - TÉCNICA TÊMPERA

Dimensão 30 x 40 (Ano, 2018).

IMAGEM 08 – MORADA NA FLORESTA – TÉCNICA TÊMPERA

Dimensão 55 x 60 (Ano, 2017).

IMAGEM 09 – MÁSCARA – TÉCNICA ENCÁUSTICA QUENTE

Dimensão 55 x 60 (Ano, 2017).

IMAGEM 10 – O SILÊNCIO DA MARINHA – TÉCNICA TÊMPERA ACRÍLICA

Dimensão 55 x 60 (Ano, 2017)

IMAGEM 11 – IGREJINHA MEDIEVAL - TÉCNICA ACRÍLICA



Dimensão 20 x 30 (Ano, 2017).

IMAGEM 12 – FIGURA HUMANA, ROGÉRIO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 40 x 60 (Ano, 2017).

IMAGEM 13 – SALA DE AULA - TÉCNICA ACRÍLICA

Dimensão 50 x 70 (Ano, 2017).

IMAGEM 14 – VITÓRIA RÉGIA - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 50 x 70 (Ano, 2017).

IMAGEM 15 – SEM TÍTULO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA



Dimensão 50 x 70 (Ano, 2017).

IMAGEM 16 – ESTRADIVÁRIOS - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 50 x 70 (Ano, 2017).

IMAGEM 17 – SEM TÍTULO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 50 x 70 (Ano, 2017).

IMAGEM 18 – SEM TÍTULO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

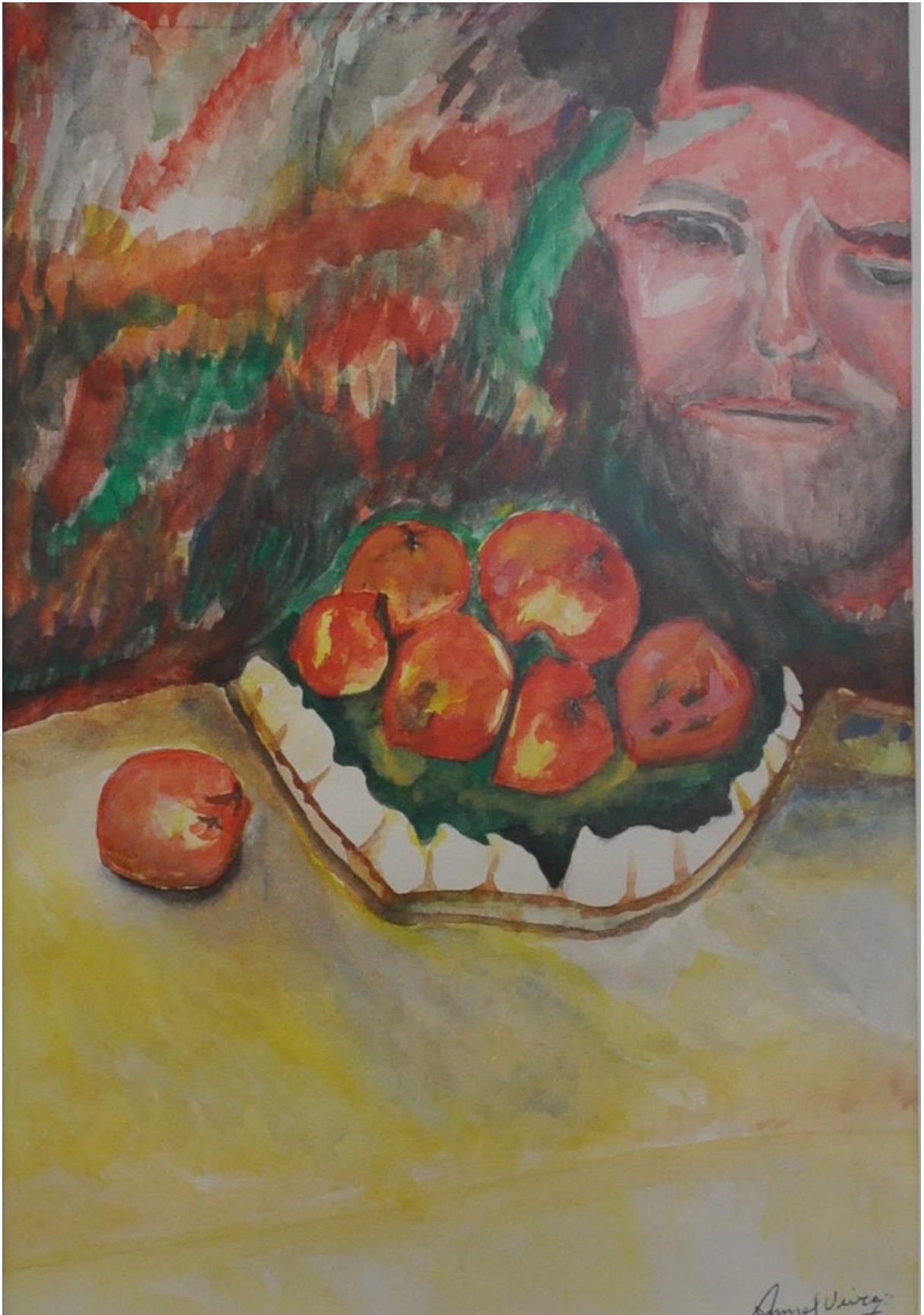
Dimensão 50 x 70 (Ano, 2017).

IMAGEM 19 – PAISAGEM - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 50 x 70 (Ano, 2017).

IMAGEM 20 – RELEITURA DO CEZANNE - TÉCNICA AQUARELA

Dimensão 20 x 30 (Ano, 2013).

IMAGEM 21 – AS MAÇÃS PODRES - TÉCNICA AQUARELA

Dimensão 20 x 30 (Ano, 2013).

IMAGEM 22 – SEM TÍTULO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 80 x 120 (Ano, 2017).

IMAGEM 23 – SEM TÍTULO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 200 x 150 (Ano, 2017).

IMAGEM 24 – CAVALO - TÉCNICA ÓLEO SOBRE TELA

Dimensão 80 x 120 (Ano, 2017).